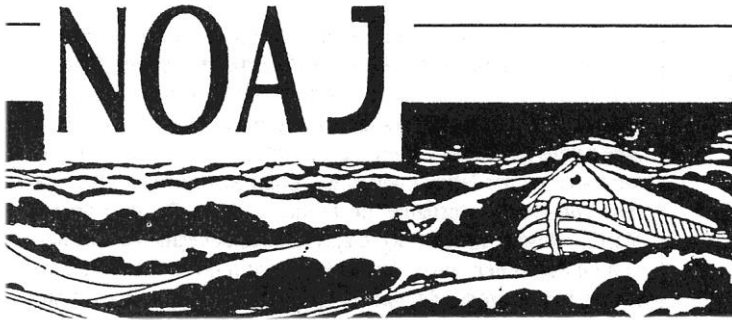




Año III, N°. 3-4, mayo de 1989

Dínes, Alberto. A morte do inventor do paraíso. pp. 12-17

Alberto
Dínes

A morte do inventor do paraíso

(2ª parte)

Jorge Amado que, na ocasião, era um escritor estreante lembra-se da fama de Zweig em função das suas amizades no círculo dos “literatos de salão”.²⁰

Este relacionamento com o governo e escritores com ele comprometidos, mais a posição enfaticamente defendida por Zweig de que intelectuais deve absterem-se de atuar politicamente, num momento em que o país vivia uma ditadura de direita, fez com que se criasse em torno de Zweig uma barreira de má-von-

tade. Sobre tudo porque seus livros eram aqui estrondosos sucessos comerciais enquanto a literatura local, de cunho nacionalista, era mal recebida pelo público. Acostumado à *Gemeinschaft* vienesse imagino que a calorosa cordialidade brasileira fosse algo semelhante. Se, antes, enganara-se com a paisagem e o verde confundindo a mata tropical com os jardins de Viena, agora imaginava que pelo simples fato de ter fugido de Hitler e ter “descoberto” o Brasil obtinha prontamente o respeito do mundo literário. Mesmo no Paraíso é preciso fazer muito mais.

Com o “livro brasileiro” Zweig imaginou que abriria definitivamente as portas do país, espécie de arrombamento triunfal do Eden. Se nas relações com o governo aquele verdadeiro hino de louvor resolveu todos os problemas fornecendo a Zweig e a Lotte uma segurança definitiva com relação ao status civil e domiciliar, no plano literário e pessoal, a obra só acrescentou mágoas e frustrações. **País do Futuro** converteu-se até hoje num apelido do Brasil mas naquele momento os intelectuais brasileiros queriam algo sobre o presente do país.

Quando estava em plena faina de coletar dados em 1940, Zweig teve um daqueles desabafos a um conterrâneo no Rio, o que dá uma medida das suas inquietações sobre a tarefa que tinha em mãos. Disse ele: “Veja você, fui **obrigado** a escrever um livro sobre o Brasil. E o que sei sobre o Brasil?” (20)

Percebia seu despreparo e seus amigos no Brasil aparentemente não o estavam ajudando, viviam em outro mundo, longe da realidade. Gilberto Freyre, considerado o pai da sociologia

*Ensaista e
jornalista
brasileiro. Autor do
livro: Morte no
Paraíso, biografia de
Stefan Zweig (1981).*

(20) Depoimento de Gartenberg, Alfred — em **Morte no Paraíso**

Ensayo

brasileira, autor de um livro que naquela época era clássico, **Casa Grande e Senzala**, conta que certa vez foi apresentado a Zweig e este sequer demonstrou ter ouvido falar no livro²¹.

Impossível saber se a 3ª chegada ao Brasil em setembro de 1941 foi prevista para coincidir com a publicação do livro no Brasil. Melhor que não tivesse ocorrido a coincidência pois, embora sucesso de livrarias, simultaneamente traduzido para seis idiomas, a obra foi muito mal recebida pela crítica local. No **Correio da Manhã**, o matutino mais importante da capital, o próprio redator-chefe, Costa Rego, escreveu três artigos sucessivos não apenas taxando a obra de imprecisa e inverídica como, insidiosamente, deixando no ar a intriga que corria insistente nos meios literários — que o livro fora “comprado” pelo governo Vargas²². Antonio Callado, hoje famoso novelista, na época trabalhava na redação daquele jornal e conta que se os companheiros não tivessem intervido, o redator-chefe teria prosseguido indefinidamente nos ataques.²³ Carlos Drummond de Andrade, o maior poeta moderno da língua portuguesa, então funcionário do Ministério da Educação, lembra que a impressão dominante nos meios artísticos e literários era a de que o livro fora encomendado por Vargas para louvar sua administração²⁴.

Não há dúvidas de que ao facilitar o trabalho de Zweig em troca de apenas dois vistos de residência o que o astuto Vargas queria

era projetar o país no exterior vendendo caro sua opção pelos aliados.

Afinal, qual o pecado do livro? Nada mais do que um apanhado impressionista da história brasileira para demonstrar que se tratava de um país conciliador com um povo incapaz de exaltações e violência. O livro, na realidade, não era o retrato do Brasil mas uma antítese da Europa Nazista, um autêntico **wishfull thinking**. Não continha mentiras, apenas selecionava avidamente aqueles aspectos do país que serviam as angústias e necessidades do autor em reconciliar-se com a humanidade, examinando fenômenos sociológicos, antropológicos e políticos fora de um contexto mais amplo. Ele não viu o Brasil, imaginou-o.

Mas os personagens do livro — a intelectualidade — não aceitaram aquela forma doce e conformada de ver as coisas. Queriam, por exemplo, um apanhado sobre as grandes obras literárias ou artísticas do Brasil moderno enquanto Zweig as apresentava como herdeiras e caudatárias da tradição europeia. Queriam que ele reconhecesse a pujança da cultura nacional e Zweig só enxergava a brandura do caráter brasileiro. Em termos contemporâneos o problema poderia ser colocado como o conflito entre a visão e a do colonizador.

Representativo desde choque conceitual foi a atitude de outro austríaco que fugira para a Bélgica, lá trocara de nome (de Otto

(21) Depoimento de Freyre, Gilberto, em **Morte no Paraíso**.

(22) Costa Rego, em **Correio da Manhã**, 7,8 e 9 de agosto de 1941.

(23) Callado, Antonio em **Morte no Paraíso**.

(24) Drummond de Andrade, Carlos — em **Morte no Paraíso**.

Maria Karpfern para Carpeaux) e depois emigrara para o Brasil. Esquerdista, também de origem judaica porém completamente assimilado (chegando mesmo a adotar em certos momentos aquela atitude de **self-hate** que caracterizou alguns intelectuais judeus austríacos), por ser mais jovem e de uma geração politicamente mais atuante do que a de Zweig, Karpfern-Carpeaux sempre foi muito crítico com relação ao famoso conterrâneo. Como era um dos redatores de muita projeção no mesmo **Correio da Manhã** pode-se atribuir a ele parte de má-vontade na recepção do livro. Se o Redator-Chefe do jornal, mese depois, por ocasião do suicídio, mudou de opinião sobre Zweig escrevendo um artigo em que considerava sua morte como uma perda para a humanidade, o austríaco advertiu num tópico para que não se convertesse Zweig em herói²⁵.

Por que então ficar no Brasil? A guerra castigava a Inglaterra e Friderike, sua primeira mulher, estava em New York comandando o movimento dos intelectuais refugiados de língua alemã. Lotte, evidentemente, não queria estar perto daquela mulher dominadora e a idéia de que a guerra passaria ao largo do Brasil fez com o que o casal decidisse ancorar no país. Além do mais, possuíam um visto de residência, preciosidade incalculável numa época em que o direito de residir era um privilégio, tesouro tão importante quanto viver.

Mas, no Rio de Janeiro era impossível continuar — Zweig queria sossego. Na realidade, incomodavam-no tanto a fama e a mundanidade dos amigos como a sensação de que não era querido pela intelectualidade militante. Escolheu Petrópolis, a pequena cidade imperial no alto da montanha. Começava aqui a definir-se a angústia no não-pertencimento. O livro de memórias que estava em vias de terminar, **O Mundo de Ontem**, na realidade, traduzia uma derrota ante a passagem do Tempo. Agora não encontrava lugar, espaço para identificar-se. Zweig desgarrava-se do presente, tropeçava no futuro com sua idelização do país-modelo. Só lhe restava olhar para trás, pronto para morrer.

Criada pelo imperador D. Pedro II, descendente dos Habsburg, Petrópolis era uma encantadora miniatura de Viena e Paris misturados, encravada numa montanha, não muito longe do Rio. Foi outro equívoco. Aqui tornou-se aguda a confusão entre o jardim vienense, fruto de devotado cuidado, e a natureza exuberante da mata subtropical, com o aparecimento imprevisto de um elemento quase mortífero, a umidade. A vitalidade da natureza nas regiões próximas ao Equador encontra na umidade seu próprio limite — é uma forma de contenção da explosão vital. A umidade da serra de Petrópolis foi fatal à asma de Lotte. Como se trata de doença de fundo psicossomático a depressão que a ex-secretária transmitia ao marido encontrou no clima úmido ambiente para prosperar. Como os dois viviam

(25) Leite, Ascendino — **Um Ano no Outono** (jornal literário), Editora Catedra, Rio, 1983.

isolados e muito juntos, o sufoco da esposa acabou sendo pernicioso ao próprio marido, aumentando sua insônia. Circuito de angústia, um realimentando o outro²⁶. Na carta de despedida aos cunhados Hannah e Manfred Altmann, Stefan praticamente coloca a doença de Lotte como fator central da decisão.

O livro de telefones de Zweig, só agora descoberto, revela o teor daquela solidão: nomes de diplomatas brasileiros e figuras do *grand monde* literário, quase todos conhecidos na 1ª viagem, a maravilhosa; nenhum novo amigo, com exceção do casal Ernest Feder e que, por isso, mereceu o privilégio da única despedida pessoal antes do suicídio²⁷.

O Paraíso que em 1936 mostrara-se risonho, cintilante e aberto agora em 1941 tinha outra face — solidão, mágoa, sombra.

* * *

Além de **Brasil, País do Futuro**, Zweig fez duas tentativas de produzir algo ligado ao Brasil. As duas iniciativas não saíram do estágio de esboço porque não sendo obras literárias dele independiam para serem concluídas: um filme e um ballet. Se tivessem sido levadas a termo, talvez Zweig se animasse e, então,

progressivamente se aninharia no processo cultural brasileiro como inúmeros outros imigrantes, entre eles o próprio Karpfer-Carpeaux, um dois mais destacados.

A história do ballet foi mencionada pela primeira vez num livro de recordações de Margaritta Wallmann. A famosa bailarina e depois diretora, grande amiga dos Zweig desde os tempos de Zalzburg, refugiara-se em Buenos Aires. Os dois reencontraram-se pelo menos duas vezes (uma na capital argentina e outra no Brasil) e acertaram uma montagem coreográfica inspirada na **Viagem Pitoresca ao Brasil**, do francês Debret. da empreitada, também participou o grande compositor brasileiro Villa-Lobos. Houve conversas entre os 3, um script chegou a ser concebido por Zweig mas o projeto não se materializou.²⁸

Já o projeto cinematográfico — a história dos amores do Imperador D. Pedro I com a Marquesa dos Santos tendo como pano de fundo a Independência Brasileira — foi mencionada pela primeira vez numa correspondência de Zweig para Berthold Viertel, (poeta, diretor de teatro, colaborador de Brecht, refugiado nos EUA) onde revela que, por brincadeira, começara a redigir um script de cinema em colaboração com Paul Frischauer (um escritor medíocre, refu-

(26) Nava, Pedro. Médico e escritor brasileiro que suicidou-se recentemente, presenciou um dos acessos de asma de Lotte. A viúva do Dr. Nathan Bronstein, médico que atendeu frequentemente Zweig no Rio de Janeiro e em Petrópolis, relata sobre o uso excessivo de soníferos por parte de Stefan. Ambos os depoimentos em **Morte no Paraíso**.

(27) O livro de telefones pertencente a Zweig ficou todos estes anos em poder de Abrahão Koogan, editor de suas obras em português. A relação completa está em **Morte no Paraíso**.

(28) Wallman, Margaritta — **Les Balcons du Ciel**, Robert Laffont, Paris, 1977. Depoimento da Sra. Wallman e da viúva Villa-Lobos estão em **Morte no Paraíso**.

giado austríaco e que se tornara muito amigo das autoridades brasileiras.²⁹ Quando a primeira edição de **Morte no Paraíso** foi publicada em 1981 a referência a este script fez com que aparecesse o original que supostamente ficara com Frischauer: um escritor brasileiro, Leandro Tocantins, adido cultural do Brasil em Lisboa o adquiriu numa feira de antiguidades na capital portuguesa. São poucas páginas datilografadas e com inúmeras anotações do próprio punho de Zweig. É uma história absolutamente linear, sem méritos históricos ou dramáticos³⁰. Como a indústria cinematográfica brasileira naqueles anos era praticamente inexistente, supõe-se que Zweig pretendia oferecê-la a Hollywood onde tinha conexões, entre elas o próprio Viertel.

Foi em Petrópolis que Zweig terminou a redação das suas memórias, menos do que um retrospecto dos seus 60 anos e mais um derramamento de nostalgia. Datado de 1942 é o lúgubre final da Introdução, onde antecipa que sua vida logo estará submergida em trevas. Mas, em Petrópolis também produziu a **Schachnovelle**, sua mais brilhante novela. Seguramente, a mais contemporânea de todas. Se nada tem a ver com o Brasil, tem muito a ver com o seu estilo de vida naquele exílio montanhês e seu ócio preferido: o xadrez. É uma obra política, a única, ainda que embebida naquela fantasia lúdica que assemelha aquele jogo à dança da morte. Se

tivesse sido publicada logo, teria certamente grande repercussão, apenas Feder a leu e isto menos de um mês antes da data fatal. Aquela altura, Zweig estava fora do circuito literário queixando-se do correio lento, da falta de bibliotecas e da ausência de amigos do mesmo calibre espiritual para fazer companhia nas delícias do paraíso.

* * *

Alguns fatos ocorridos na última semana não tem sido devidamente examinados como prováveis impulsionadores da decisão final. O primeiro é o Carnaval. Aquela explosão de alegria — que descrevera sem tê-la testemunhado³¹ — produz em almas sensíveis, propensas à depressão, um contraponto de grande tristeza: Roberto da Mota, o antropólogo brasileiro que melhor estudou a festa popular, tem mostrado sua face escondida e contraditória³².

Foi contra este cenário de exaltação que Zweig leu a notícia da queda de Cingapura. Num dia normal, aquela decepção com os rumos da guerra poderiam ter provocado uma reação mais racional ou menos emotiva. Diante, porém, daquele desperdício de vitalidade Zweig converteu-se em presa fácil de um movimento lúgubre. Prevaleceu o instinto da morte. Outro fato também

(29) Viertel, Berthold — **Briefe an Freunde**, S. Fisher, 1978.

(30) O original do script já vendido a um antiquário na Alemanha.

(31) Souza, Claudio de — **Os Últimos Dias de Stefan Zweig**, Valverde, Rio de Janeiro, 1942.

(32) Da Matta, Roberto — **Carnaval, Heróis e Malandros** Zahar, Rio de Janeiro, 1979.

decorrente da leitura de jornais, ocorrido no dia seguinte, teve efeito pernicioso sobre seu ânimo: no sábado, véspera do suicídio, outro navio brasileiro foi afundado. A guerra chegava ao Paraíso. Não estava mais num santuário — o Atlântico não funcionava mais como defesa, não havia mais para onde fugir³³.

* * *

Morte e enterro foram penosos — nada acontecia com a mesma fluência. Os amigos poderosos sobretudo, Claudio de Souza, logo providenciaram junto ao governo brasileiro um enterro para o casal com todas as honras, assim prescindiu-se da autópsia e as autoridades policiais foram instruídas para se absterem de investigações. A imprensa sob rigorosa censura — a ditadura no auge — também os jornalistas não se aventuraram para descobrir as exatas circunstâncias da morte. A verdade, porém é que os dois mataram-se em horas diferentes, tomaram venenos distintos e, provavelmente, morreram com estados de espírito desiguais. Apesar da longa preparação e das 13 cartas de despedida, algumas coisas não funcionaram nos últimos minutos. Pessoas que viram os cadáveres, depoimentos do delegado de polícia e do médico que assinou os documentos de óbito (ambos vivos) e a comparação dos vários relatos e fotos publicados nos jornais da época na preparação de **Morte no Paraíso** facilitam esta conclusão.

O enterro também teve alguns sobressaltos que não chegaram

a ser noticiados pela imprensa. Duas pessoas, pelo menos, reclamaram das autoridades um cemitério judaico, sem resultados positivos: o alfaiate Henrique Nussembaum, líder da pequena comunidade judaica de Petrópolis e o Rabino-Chefe do Rio, Rav Mordechai Tzekinovsky. O Rabino chegou a encontrar-se com o Prefeito de Petrópolis pedindo-lhe que deixasse levar os cadáveres para serem enterrados no cemitério judeu da capital. Apesar de serem suicidas. Tanto insistiu que o Prefeito, para terminar a discussão, deixou no ar uma ameaça — não se responsabilizaria pelo que acontecesse com os judeus de Petrópolis se os dois ilustres mortos fossem enterrados longe da cidade.³⁴

* * *

Matou-se o inventor do paraíso em pleno Éden que descobriu sem conseguir reconciliar-se com a miragem que montara. Mas, não levou mágoas. Na declaração final ou nas cartas de despedida só consignou agradecimentos e louvores ao país-anfitrião. Mas, cada suicídio contém uma acusação, cada imolação é uma peça acusatória. Palpita neste morte uma admoestação trágica aos países “perfeitos” e às nações diferentes. Num rincão especial pode grassar tanta infelicidade? O País-do-Futuro comemorou o centenário de Zweig sem responder a este pergunta com outra ditadura que, na ocasião, já durava 17 anos. ◆

(33) O primeiro barco brasileiro a ser afundado por o submarino alemão foi o **Buarque**; o segundo foi o **Olinda**. Um mês antes o Brasil rompera relações diplomáticas com os países do Eixo. Entrou na guerra em agosto daquele ano.

(34) Depoimento em **Morte no Paraíso**. Nussenbaum vive em Petrópolis e o rabino Tzekinovsky em Bney-Brak, Israel.